

## PRÁTICAS DISCURSIVAS NOS RITUAIS RELIGIOSOS DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV)

Neila Tatiane Santana da Cruz Fariello (Pós-Crítica\UNEB)<sup>43</sup>

*Resumo:* O uso das poéticas orais, em comunidades religiosas, com o propósito de preservar e dar manutenção às suas doutrinas e seus ensinamentos, tem sido um estudo de interesse da Academia. O presente trabalho tem a pretensão de apresentar as primeiras anotações a respeito de uma proposta de pesquisa para o curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural da UNEB Campus II onde se pretende analisar as práticas discursivas que permeiam o universo místico da União do Vegetal (UDV), uma religião brasileira, criada por José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, na floresta amazônica, fronteira do Brasil com a Bolívia. A UDV possui fundamentação cristã, reencarnacionista e utiliza em seus rituais um chá para efeito de concentração mental, de nome Hoasca (mais conhecido como Ayahuasca), comprovadamente inofensivo para a saúde e considerado sagrado pelos seus adeptos. Sobre efeito desse chá, os participantes das sessões (rituais) utilizam-se da oralidade para fazer perguntas, transmitir ensinamentos e doutrinas através de recursos como a fala, músicas etc. Nesse contexto, a palavra escrita também aparece como instrumento utilizado através de documentos criados na institucionalização dessa religião.

*Palavras-chave:* Oralidade. Escrita. Tensões. União do Vegetal Chá.

### INTRODUÇÃO

Sabemos que a literatura oral é capaz de expressar e dar manutenção às regras e espaços de uma comunidade, preservando sua memória. Existe um campo epistemológico que trata desse assunto e que vem trazendo contribuições significativas, ao longo dos tempos, o qual se intenciona ser mais aprofundado na pesquisa proposta.

A partir de fatos históricos e atuais da União do Vegetal (UDV), pretendo com essa pesquisa observar o lugar que ocupam a oralidade e a escrita no contexto dos rituais religiosos da UDV, na busca de trazer para a academia um novo olhar sobre as práticas discursivas que permeiam esse universo místico, pouco conhecido no mundo acadêmico e do qual eu faço parte.

A União do Vegetal (doravante denominada UDV ou União) é uma religião cujos ensinamentos e doutrinas são transmitidos, principalmente, por meio oral. Os rituais geralmente seguem a um padrão em que uma pessoa, chamada de Mestre Dirigente, abre, conduz e fecha os trabalhos utilizando-se de cânticos (chamadas), além da dinâmica de perguntas e respostas durante todo o referido processo.

Nas sessões de escala (como são chamadas as reuniões ordinárias), além desse movimento oral, são lidos documentos (estatuto etc) que norteiam a instituição e servem de orientação para vida de quem escuta. Todo esse trabalho é realizado utilizando-se a voz.

Em todo ritual da UDV, os associados, de livre e espontânea vontade, bebem um chá chamado Hoasca ou Vegetal<sup>44</sup> para efeito de concentração mental e, dentro dessa concentração, a voz é

---

<sup>43</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, sob a orientação da Professora Dra. Edil Silva Costa. E-mail: neiletras@gmail.com.

ecoada, seja através de uma chamada, seja pelas palavras proferidas nas perguntas feitas e respostas dadas. Segundo Paul Zumthor (2005, p. 63): “A língua é mediatizada, levada pela voz. Mas a voz ultrapassa a língua, é mais ampla do que ela, mais rica”.

Sendo assim, a relevância dessa pesquisa se dá pela busca em perceber as tensões entre o oral e escrito nos rituais da UDV, buscando trazer uma discussão sobre esse campo epistemológico, observando o lugar que cada um ocupa e as suas contribuições.

Examinando o objeto de pesquisa aqui proposto, surgem os seguintes questionamentos: Como a oralidade se constitui numa fonte de transmissão dos ensinamentos na UDV? Quais as vantagens quando se usa a oralidade frente à forma escrita? Onde cabe a escrita nos rituais da União do Vegetal?

Seguindo essa linha, pretendo estudar a respeito da dinâmica ritualística da União, bem como seu contexto histórico, desde seu surgimento, seu fundador, os caminhos pelos quais passou até conseguir criar essa instituição e o momento presente que conserva, na sua matriz, a forma de transmissão oral dos ensinamentos, sem deixar de lado o valor da escrita em contextos específicos e necessários.

Por se tratar de uma pesquisa que visa estudar aspectos de uma religião surgida no seio de uma família, pretende-se, para investigar as questões propostas, utilizar como recurso metodológico a História Oral. Serão feitas pesquisas no Núcleo Coração de Maria, situado na cidade de Coração de Maria-BA (o qual eu sou sócia), consultando o DMC (Departamento de Memória e Comunicação) desse local e contatando pessoas da origem dessa instituição, que conviveram com o seu fundador, auxiliando-o, bem como outras pessoas que continuam colaborando nesse trabalho. Serão feitas entrevistas semi-estruturadas com essas pessoas e consultas a manuscritos (cartas), gravações em áudio e vídeo, jornais da época de sua criação, informativos atuais e fotografias que fazem parte do acervo documental da UDV.

Trata-se de uma metodologia bastante subjetiva e que se distingue de métodos tradicionais, como afirma José Carlos Sebe Bom Meihy

Antes do uso de gravadores, a história de vida obedecia a uma formulação que já se desviava dos procedimentos tradicionais. Valendo-se de cartas, diários, fotografias, ela se posicionava como algo paralelo ao reconhecimento das fontes históricas tradicionais (MEIHY, 2005. p. 61).

No caso das entrevistas, recurso que será bastante utilizado, deve-se dar aos entrevistados a maior liberdade possível para que eles relatem, com o máximo de informações, suas experiências de vida, relacionando-as ao objeto proposto, buscando sempre manter o respeito à crença e as limitações (de assuntos) que existirem. Segundo Meihy (2005, p. 61): “Em particular, os projetos que

---

<sup>44</sup> Em outras religiões, onde fazem uso dessa bebida, a denominação para o chá é Ayahuasca.

trabalham com temas ou vidas de religiosos, esotéricos ou místicos tendem, por princípio, respeitar a exposição do outro observando os valores e a visão de mundo das pessoas.”

A História Oral de Famílias deve ser outra variação da História Oral a ser usada também, pois a religião a ser estudada, como foi dito, nasceu no seio de uma família e alguns de seus membros, que ainda estão vivos, fizeram parte do início e continuam dando manutenção à UDV.

Normalmente, os projetos de história oral de família provocam entrevistas em duas ou três gerações e, nesses casos, mediante a transformação do processo histórico que envolve os membros da comunidade, tem-se claro que há elementos culturais que mudaram e outros que dão a unidade, que resistem, constituindo-se no núcleo da entrevista (MEIHY, 2005. p. 65).

## **COLHENDO OS BONS FRUTOS: ORIGEM E EXPANSÃO DA UNIÃO**

A UDV é uma religião de fundamentação cristã e reencarnacionista, que foi criada na década de 60 do século passado, no meio da floresta amazônica, com poucos recursos materiais, por um seringueiro, o José Gabriel da Costa, e que possui uma história milenar, de origem indígena, a qual não poderá ser detalhada nessa pesquisa por se tratar de um assunto iniciático. Segundo site oficial da UDV

A União do Vegetal teve sua origem na Floresta Amazônica, na fronteira do Brasil com a Bolívia. José Gabriel da Costa trabalhava como seringueiro naquela região e, em 1959, bebeu o Chá Hoasca pela primeira vez com um senhor chamado Chico Lourenço. Pouco tempo depois, Mestre Gabriel começou a distribuir o Vegetal, inicialmente para sua família e para outros seringueiros que trabalhavam na região. Em 22 de julho de 1961, ainda nos seringais da Amazônia, Mestre Gabriel realizou uma sessão e anunciou a criação da União do Vegetal, dando início ao trabalho de desenvolvimento espiritual de seus discípulos, ao qual ele se dedicou até desencarnar, em setembro de 1971. (A Origem da UDV. Disponível em: <<http://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>> Acesso em 14 de abr. 2018).

Ela está presente hoje em todo o território brasileiro, com 205 Núcleos e Distribuições Autorizadas de Vegetal e em dez países: Estados Unidos, Canadá, Peru, Portugal, Espanha, Reino Unido, Suíça, Itália, Holanda e Austrália. A respeito de sua expansão, registra-se que

Em janeiro de 1965, após a criação da União do Vegetal nos seringais, Mestre Gabriel vai com sua família para Porto Velho (RO). Lá, com sua esposa Raimunda Ferreira da Costa e seus filhos, deu continuidade à obra religiosa da UDV. Novos discípulos chegaram e foi fundada então a Associação Beneficente União do Vegetal. Logo teve início a formação da estrutura interna da União do Vegetal. Mestre Gabriel criou o Quadro de Mestres e o Corpo do Conselho. Em 1967, o Mestre Florêncio Siqueira de Carvalho, um dos primeiros mestres formados na UDV, foi autorizado a distribuir o Chá em Manaus (AM), “De Manaus, a União do Vegetal vai circular o mundo”, disse Mestre Gabriel. A previsão do seu criador vem se concretizando. A partir de Manaus (AM) a UDV seguiu expandindo-se no Brasil e no exterior. Posteriormente, em 1971, foi registrado oficialmente o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, com sua primeira Sede Geral em Porto Velho. Em 1982, a Sede Geral foi para Brasília (DF) e o movimento de crescimento do CEBUDV continua. (A Origem da UDV. Disponível em: <<http://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>> Acesso em 14 de abr. 2018).

Mestre Gabriel, como também era conhecido o José Gabriel da Costa, era um homem simples, caboclo, nativo da zona rural de Coração de Maria um município brasileiro do estado da Bahia, que faz parte da Área de Expansão Metropolitana de Feira de Santana, com população atual de cerca de 30.400 habitantes, cujos aspectos históricos que envolvem sua criação e seu crescimento giram em torno de questões religiosas. Não teve uma educação escolar formal, mas demonstrou habilidades especiais com o uso da palavra e do seu corpo, aspectos que favoreceram a criação da citada instituição.

A UDV tem, como instrumento auxiliar no processo de evolução espiritual, um chá denominado de Hoasca, mas, associado a esse chá, o Mestre Gabriel nos deixou uma estrutura pautada em ensinamentos e doutrinas, que serviu e vem servindo de fundamentos para os que estão dando continuidade à obra. Para clarear mais essas palavras, utilizo uma citação de Ruy Fabiano

Nela, comunga-se um chá misterioso, de nome Hoasca (ayahuasca) que é a união de dois vegetais amazônicos, o cipó mariri e a folha chacrona. O efeito psicoativo do chá, que não causa dependência e é inofensivo à saúde, favorece à percepção dos mistérios da espiritualidade. [...] Não se trata de um sincretismo religioso. A UDV absorve fundamentos judaico-cristãos, mas não se limita a reproduzi-los; a eles acrescenta revelações, que ampliam os horizontes da compreensão da realidade espiritual. A comunhão da Hoasca é essencial a esse culto não porque a doutrina por si só não se sustente, mas porque propicia compreendê-la desde o sentimento, associando-o à razão (FABIANO, 2012, p. 21).

Com essa citação, Ruy Fabiano mostra como os rituais da UDV associam o uso do Chá à palavra falada. Assim, o Mestre Gabriel nos deixou um dos principais ensinamentos a esse respeito, dizendo que tudo vem pela palavra, que toda palavra proferida volta pra quem a disse. Deixou histórias que narram acontecimentos, desde a origem da humanidade. Essas histórias não foram e não devem ser registradas através da escrita, pois, nessa religião, existe uma espécie de código de honra, o qual, eu fazendo parte e, principalmente como membro do Corpo Instrutivo (um grau dentro da UDV), devo respeitar.

Além das histórias, deixou as chamadas (espécie de cânticos que, em sua maioria, evocam forças da natureza, sempre nos ligando ao pensamento positivo), algumas dessas chamadas têm origem em cânticos da Igreja Católica, pois sua mãe, D. Prima, era católica fervorosa. Mas não muitas, a maioria das chamadas, como foi dito, evocam elementos da natureza divina e trazem, assim como as histórias, explicações para a origem da vida

Para orientar a caminhada espiritual, o conjunto doutrinário da UDV é formado por ensinamentos, chamadas (cânticos), histórias e explicações ligadas a Jesus e a outros reconhecidos pelo Mestre Gabriel como destacamentos de Deus, que vieram ao mundo em cumprimento de missão, como por exemplo os personagens bíblicos Adão, Jó, Noé, Santa Ana, João Batista, Cosme e Damião. Também menciona as entidades Iansã e Janaína, entre outras. (Doutrina Reencarnacionista. Disponível em: <<http://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>> Acesso em 14 de abr. 2018).

Outras pessoas também trouxeram “chamadas”, os Mestres da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, como são conhecidos os mestres que foram feitos pelo M. Gabriel e que receberam dele a missão de dar continuidade a essa instituição, zelando pelo que foi criado. Os Mestres da Recordação, ou Mestres antigos, como também são conhecidos, são dotados de uma memória incrível, capazes de reproduzir acontecimentos com detalhes riquíssimos

Hoje, podemos dizer que estamos na terceira geração de Mestres da UDV: com os mestres feitos pelos mestres que receberam a estrela (outra forma de se referir ao ato de se tornar mestre na UDV) dos mestres da Recordação (aqueles feitos pelo M. Gabriel). E, mesmo com essa genealogia, os rituais da UDV continuam seguindo o mesmo Ritmo, os mesmos ensinamentos deixados pelo M. Gabriel, respeitando a forma principal de transmissão desses ensinamentos, que é a transmissão oral, segundo o M. Gabriel: “A história da origem desse chá, que nos remota há tempos muito antigos, não está escrita em livro nenhum<sup>45</sup>”.

No contexto do nosso universo de pesquisa, percebe-se fortemente o uso da oralidade, o que contribui para a disseminação e manutenção da cultura de uma comunidade, preservando a sua memória coletiva, por essa razão essa pesquisa irá se fundamentar nos estudos das literaturas da voz e nas poéticas orais. De acordo com Jean-Noël Pelen (2001)

o que está em jogo para a comunidade é o ser e o permanecer. E é por essa razão que a literatura oral, praticamente toda a literatura oral, vai descrever o espaço e as regras de construção comunitária, constantemente redizendo-as e relembrando-as. A literatura oral é a expressão dessas regras, das exigências e saberes da memória da comunidade, e, ao mesmo tempo, é ela que as instaura, as ratifica, e é ela que é a memória (PELEN, 2001, p. 55).

Nesse sentido, como já fora mencionado, os ensinamentos apreendidos na União têm um forte suporte na palavra. Assim a responsabilidade de quem a utiliza, nos rituais da UDV, é grande, pois se espera que a sua palavra seja reflexo da sua prática de vida e vice-versa. Para ratificar essa ação, utilizo as palavras de Amadou Hampaté Bâ, no texto *A palavra, memória viva na África*, que diz:

Ora, é nas sociedades orais que a função da memória é mais desenvolvida e mais forte o elo entre o homem e a palavra. Na ausência da escrita, o homem se liga à sua palavra. Tem um compromisso com ela. O homem é sua palavra e sua palavra dá testemunho do que ele é. A própria coesão da sociedade depende do valor e do respeito pela palavra [...] A palavra falada, além de seu valor moral fundamental, possui um caráter sagrado que se associa a sua origem divina e às forças ocultas nela depositada (HAMPATÉ BÂ, 1979, p. 2).

Na UDV, aprende-se a ter um zelo pela palavra, pois se acredita que “tudo” vem através dela. Isso vale tanto para a palavra pensada, quanto para a falada, sendo que essa última apresenta um valor maior. Além disso, nos rituais da União, a presença dos interlocutores é essencial para o que se objetiva. É na interação das perguntas e respostas que se constitui o ritual, Zumthor (2005) diz

---

<sup>45</sup> Fala do Mestre Gabriel registrada pelo Departamento de Memória e Comunicação (DMC) da União do Vegetal.

Eu insisto na palavra. Quando falamos cara a cara diante dessa mesa, temos em relação um ao outro um sentimento muito forte de proximidade, sentimos, percebemos o volume de carne e de vida de onde emana nossa voz. Quando se trata de uma voz poética, é claro que temos aí uma das mais altas funções do discurso (ZUMTHOR, 2005. p. 69).

A presença material das pessoas envolvidas no discurso é observada não só nos rituais religiosos da União, bem como nos variados momentos de convivência entre os discípulos, seja durante um preparo (momento que dura em torno de três dias, onde se prepara o chá), seja durante atividades de plantios, mutirões, enfim, a presença da palavra é tão valiosa quanto a presença física de quem a produz/escuta. Disso, nos diz a pesquisadora de oralidade, Profa. Edil Silva Costa: “O narrar é um ato coletivo, precisa do estar com o outro, da presença e do contato [...]. Essa necessidade de narrar e de estabelecer laços nos aproxima dos nossos ancestrais” (COSTA, 2015. p. 14).

Essa citada interação não é neutra, ela perpassa pelos limites da compreensão individual que cada um dos indivíduos possui. Mais uma vez, recorrendo a Pelen (2001)

um mesmo texto, um conto por exemplo, produzido diante de um auditório, poderá ser apreendido de modo diverso pelos diferentes ouvintes, em função de sua história pessoal, de seu posicionamento no seio da comunidade, da cultura da qual são oriundos (PELEN, 2001, p. 55).

Isso é o que ocorre na UDV, há diferentes formas de entendimento, por isso os dirigentes são orientados a responder às perguntas (na sessão) observando o 'grau' de compreensão de quem pergunta e também o grau da própria sessão para que haja uma boa assimilação por parte da maioria dos presentes no momento.

O Mestre Gabriel, criador dessa instituição e autor das histórias e chamadas, trouxe as histórias em sua essência, buscando transmitir de forma direta, sendo objetivo no que quis (quer) ensinar. A respeito disso, PELEN nos diz que essa transmissão, através da oralidade, “... só se apropria do essencial, daquilo que ele sente fazer parte da essência da comunidade” (PELEN, 2001. p. 68).

O uso da oralidade, como foi dito, além de ter se dado devido às condições de quem criou a UDV, é também devido ao entendimento desse mestre de que a oralidade é plástica e expressa sentimentos que nem sempre são transmitidos pela via escrita, na transmissão oral cria-se um laço entre aquele que fala e quem escuta. Ao falar, dentro de uma sessão da União, estando de *burracheira* (nome dado ao efeito que o chá provoca em quem bebe, que significa Força Estranha) o dirigente de uma sessão, naquele momento presente, se compromete com sua palavra de tal forma que se tem a consciência da responsabilidade do que está transmitindo. De tal modo que se espera "ver a prática em cima do pregador"<sup>46</sup>. Se fossem apenas lidos, tais ensinamentos seriam engessados

---

<sup>46</sup> Fala do Mestre Gabriel, registradas pelo Departamento de Memória e Comunicação (DMC) da União do Vegetal.

e essa prática difícil de ser apreendida. Outra coisa que justifica o valor da oralidade nesses rituais, é, como já foi dito também, que se considera que cada pessoa possui uma compreensão diferente das coisas, o Mestre diz que "existem tantas compreensões quantas pessoas no mundo"<sup>47</sup>, portanto, pra atender a cada compreensão, o diálogo, presente, é mais eficaz que um texto escrito. Mas a escrita tem seu lugar nesse contexto e, portanto, seu devido valor. O estatuto, como já foi anunciado, é um documento lido em todas as sessões de escala, cujas palavras ali escritas, foram todas pensadas de forma a trazer um sentimento positivo, de orientação, de superação diante das dificuldades da vida, sempre na busca da ligação com o sagrado, no sentido do desenvolvimento espiritual do ser humano.

Contudo, a valorização da palavra falada nos rituais da UDV não tira o crédito da palavra escrita. Fazendo menção a isso, M. Gabriel, numa de suas falas, salientou a importância de ser alfabetizado para poder conduzir os trabalhos, pós-estatuto.

Assim, percebendo a grandeza das poéticas orais presentes nos rituais da União, espera-se que esta pesquisa possa trazer para a academia um novo olhar sobre as práticas discursivas que permeiam o universo místico da UDV, a partir de estudos sobre aspectos históricos, filosóficos, culturais desta religião.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Saberes da Ayahuasca e processos educativos na religião do Santo Daime. In: LEITE, Eudes Fernando; FERNADES, Frederico (Org.). *Trânsitos da Voz: estudos de oralidade e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012. p. 277-304.
- ARAUJO, Leandro Alves. *Oralidade e escrita na diáspora religiosa afro-brasileira travessias, rupturas e confluências*, 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. Bahia, 2016.
- CASTILLO, Lisa Earl. A fotografia e seus usos no Candomblé da Bahia. *Pontos de Interrogação*. v 3. n. 2. p. 43-71, jul/dez 2013.
- COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. *Sentidos da Cultura*. Belém-PA, ano 2, n 2, p 05-21, jan/jun 2015.
- FABIANO, Ruy. *Mestre Gabriel, O Mensageiro de Deus*. Brasília: Pedra Nova, 2012.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. *Revista USP*, São Paulo (24): 1147-120, dez/fev, 1994/95.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Leituras de Presença e ausência: textos noturnos e diurnos. In: EDALD, Felipe Grüne ET ali. *Cartografias da Voz: poesia oral e sonora: tradição e vanguarda*. São Paul: Letras e Voz; Curitiba: Fundação Araucária, 2001.
- HAMPATE BÂ, A. *A palavra, memória viva da África*. O Correio da UNESCO n. 10/ 11, Rio de Janeiro, 1979.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 9-23 1984.
- LODI, Edson. *Relicário, Imagens do Sertão*: 1. ed. Brasília: Pedra Nova, 2010.

---

<sup>47</sup> Idem.

- LODI, Edson. *Estrela da Minha Vida*: 2. ed. Brasília: Pedra Nova, 2011.
- LIMA, Ari. De sobrevivências culturais africanas e uma cultura negra africana e popular no Brasil. *Pontos de Interrogação*. v 3. n. 2. p. 03-27, jul/dez 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- NETTO, Patrick Walsh. *O exemplo na vida de quem prega: uma análise do cebudv a partir dos seus sócios*. 2017. 502 f. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília/UnB. Brasília, DF, 2017.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Traduzido por Enid Abreu Dobránszky: Campinas,SP:Papirus, 1998.
- PELEN, Jean-Noël. Memória de literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. Projeto História *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História* (PUC-SP). v. 22, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Trad. por Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2005.
- Doutrina Reencarnacionista. Disponível em: <<http://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>>. Acesso em 14/04/2018.
- A Origem da UDV. Disponível em: <<http://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>> Acesso em 14 de abr. 2018.